

## Os impactos das mudanças climáticas para a juventude negra brasileira



Amanda da Cruz  
Costa



Hannah Balieiro

Os jovens do mundo inteiro estão sofrendo com as mudanças climáticas. A intensificação da ocorrência de eventos climáticos extremos faz com que essa significativa parcela da população questione as possibilidades que encontram para viverem seu presente e as possibilidades que poderão ser encontradas para construir seu futuro, realidade que tem um forte impacto tanto na saúde física quanto na saúde mental.

Dentro da juventude global, há um recorte que será o mais impactado pelas consequências da crise climática. As mulheres jovens do sul global, não brancas, que vivem em contextos marginalizados já sentem em seu dia-a-dia os impactos da crise ecológica em seus respectivos contextos, seja em suas comunidades, ilhas, favelas, quilombos e aldeias.

No Brasil, essa realidade pode ser enxergada principalmente nas periferias das cidades, ocupadas majoritariamente por pessoas que se autodeclaram pretas e pardas, compondo o grupo de negros. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa que foi lançado no dia 01 de agosto de 2022, no Museu do Amanhã no Rio de Janeiro o número de pessoas que se autodeclaram negras corresponde, aproximadamente a 56% (pretos - 9,1% e pardos - 47%). Por sua vez, as pessoas que vivem em favelas representam cerca de 16 milhões, compondo um total de 6,6 milhões de domicílios distribuídos em 11.403 favelas.

Nesse contexto, os jovens negros e favelados fazem parte de um dos principais grupos afetados pelas mudanças climáticas, principalmente relacionado com as alterações no regime de chuvas. Como resultado da frequência de chuvas, ocorrem alagamentos, deslizamentos, desabamentos, inundações e isto dificulta o transporte público e privado, chegando a causar sua paralisação. Por sua vez, as ondas de calor intensas provocam crise no abastecimento de água, secas extremas com o consequente aumento do preço dos alimentos por perda de safra e o agravamento de doenças respiratórias. Todos esses fenômenos afetam a vida humana de várias formas, colocando em risco o bem-estar, o desenvolvimento e a própria sobrevivência de crianças, adolescentes e jovens, que muitas vezes, são colocados à margem na busca de soluções para a atual crise climática e ambiental.

Segundo o Relatório da UNICEF Crianças, Adolescentes e Mudanças Climáticas no Brasil, lançado no dia 09 de novembro de 2022, é essencial priorizar esse grupo nos debates e políticas voltadas ao enfrentamento

**Palavras-chave:** juventude, racismo ambiental, Periferias, Criança, mulheres negras.

das mudanças climáticas. Para mitigar os impactos, assegurar um desenvolvimento digno e promover a garantia de direitos básicos, faz-se necessário: posicionar crianças e adolescentes como prioridade absoluta nos planos e programas relacionados ao meio ambiente e as mudanças climáticas; garantir a participação de crianças, adolescentes e jovens no enfrentamento das mudanças climáticas; adaptar e aprimorar serviços públicos para garantia de direitos e engajar a sociedade. Desse modo, é essencial criar mecanismos de participação, formação e mobilização social para que a pauta climática possa ser cada vez mais expandida dentro do universo infanto-juvenil, e para que estes já possam ser inseridos numa perspectiva propositiva na busca de soluções.

A procura por alternativas está sendo feita com intensidade em territórios periféricos. A escassez de políticas públicas em favelas, subúrbios e comunidades faz com que os moradores criem iniciativas para enfrentar os desafios que o cenário de crise climática e ecológica apresenta com frequência cada vez maior. Um exemplo é a Horta das Crianças, localizada no Jardim Damasceno, na Vila Brasilândia. Desenvolvida pelo Seu Quintino (83 anos), liderança ambientalista mais experiente da região, a Horta das Crianças é um espaço que fomenta brincadeiras ecológicas, interação entre a comunidade na discussão do acesso à terra e projetos de educação ambiental, através de plantios, uso de água de nascente, colheita coletiva e distribuição de alimentos orgânicos e livres de agrotóxicos para a população da comunidade local.

Apesar da complexidade do debate, é fundamental apoiar a formação e capacitação das juventudes, principalmente de jovens mulheres periféricas e faveladas. Através do fortalecimento de suas narrativas políticas e da criação de espaços seguros de trocas, compartilhamentos e desenvolvimento, será possível ampliar a busca por soluções decoloniais para a atual crise ambiental.

Por fim, é necessário inverter a lógica social, isto é, colocar a jovem mulher negra no centro da discussão e reposicionar as estratégias políticas na busca de possibilidades para o enfrentamento do desafio ambiental e climático. Essa crise já está afetando todo o planeta, mas é sentida com mais intensidade

em grupos marginalizados que muitas vezes são privados de acessos, direitos e até mesmo da própria discussão sobre o assunto. Como diz a ativista indígena Hamangaí Patazó Rãï-Rãï:

**Não somos o futuro, nós somos o agora.**



Jovem liderança Hamangaí Patazó Rãï-Rãï. Arquivo pessoal.

## Referências

<https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/materias/pesquisas/violencia-contra-a-juventude-negra-2015>

<https://www.poder360.com.br/brasil/populacao-cresce-com-mais-pessoas-negras-e-pardas/#:~:text=Em%20n%C3%BAmeros%20absolutos%2C%20esse%20grupo,39%2C8%25%20no%20per%C3%ADodo>

<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/criancas-e-adolescentes-sao-os-que-mais-sofrem-com-mudancas-climaticas-e-precisam-ser-prioridade>

<https://www.unicef.org/brazil/relatorios/criancas-adolescentes-e-mudancas-climaticas-no-brasil-2022>